

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, ABRIL/2018 - ANO XXII - Nº 255

EDITORIAL

O Brasil detém uma triste tradição de escândalos envolvendo políticos que realizam operações fraudulentas com o dinheiro público, buscando se beneficiar pessoalmente.

Segundo especialistas, a corrupção está ligada a vários fatores, entre eles a fragilidade das estruturas democráticas, como a justiça, e a ausência de mecanismos de fiscalização popular. A falta de transparência no trato do bem público, especialmente durante a realização de grandes negócios, como as privatizações, também estimula as autoridades a aceitarem propinas.

Endêmica no país, a corrupção é fruto do sistema que valoriza o ter e não o ser. Um sistema que estimula o individualismo em detrimento da solidariedade. Enfim, a corrupção é fruto do sistema que subverte os valores morais da sociedade e busca, sempre e cada vez mais, acumular bens materiais. Muitos se aventuram na política visando somente a se enriquecer. Ser político passou a ser meio de vida, quando tudo pode ser vendido e comprado. É sempre bom lembrar, no entanto, que, se há corrupto, há corruptor.

Para alívio do cidadão de bem, porém, o combate à corrupção ganhou aliados importantes. A partir de um grupo de promotores e agentes federais deu-se início às investigações da Operação Lava Jato, que sacudiu o universo político brasileiro ao revelar imensa rede de corrupção que saqueou a principal estatal do país: a Petrobrás. Os maiores partidos políticos foram acusados de embolsar bilhões de reais em propinas para financiar campanhas políticas. Notáveis políticos, que se julgavam blindados pelo poder, se viram envolvidos em sucessivos outros escândalos. Ainda mais grave, acusa-se um ex-presidente e o atual Presidente da República de enriquecimento pessoal.

O Planalto não é mais o mesmo. Muitos políticos que por lá circulam estão sem dormir. Muitos estão na lista de envolvidos e trabalham para impedir a continuidade das investigações. A população, atenta, apoia o Ministério Público e a Polícia Federal. É muito triste, porém, assistir, recentemente, a uma das maiores lideranças políticas do Brasil ser presa não por má administração, mas por corrupção.

Apesar dos abalos políticos, as instituições nacionais continuam firmes. A prisão de um ex-presidente da república é um epíteto melancólico para aquele que foi saudado como o “político mais popular da Terra”. O país começa a mudar. A lei começa a ser para todos!



Passa pela educação o combate à corrupção e à violência. Melhores resultados nessa área alavancariam as condições para o crescimento econômico, impactariam positivamente nos índices de violência e aumentariam a percepção dos brasileiros sobre a corrupção, possibilitando seu combate mais efetivo.

Corrupção, violência e educação

Para a população brasileira, a violência e a corrupção estão diretamente relacionadas à baixa qualidade da educação no país. Além disso, a insatisfação do cidadão com a educação no Brasil cresceu nos últimos anos, sendo maior com o ensino público do que com o particular. É o que indica a pesquisa Retratos da Sociedade Brasileira – Educação Básica, recentemente divulgada pela Confederação Nacional das Indústrias em parceria com o Movimento Todos pela Educação. Os dados mostram que a maior parte da população concorda com a afirmação de que o problema da violência no Brasil se relaciona, de forma direta, com a baixa qualidade da educação no país. Já 60% dizem o mesmo quando se referem à corrupção. É ponto pacífico que, se a corrupção não existisse, o montante desviado poderia ser aplicado nas necessidades básicas do país. Essa pesquisa vem a público justamente no momento em que a escalada da violência cresce assustadoramente e que o Rio de Janeiro se encontra sob intervenção federal na área de segurança.

A população, que acompanha, cada vez mais, o grave momento político do país, vem percebendo as relações entre qualidade de educação, corrupção e violência. Quanto mais os problemas do Brasil são expostos, mais a população começa a refletir sobre quais são suas causas e conclui que a principal delas é a baixa qualidade da educação.

Já passou da hora de a educação ser considerada uma área estratégica para o

país. Uma melhoria nessa área alavancaria as condições para o crescimento econômico, impactaria positivamente nos índices de violência e aumentaria a percepção dos brasileiros sobre a corrupção, possibilitando seu combate mais efetivo. A educação, além de ser fundamental para o indivíduo, também o é para o país. Nossos governantes, porém, não estão suficientemente comprometidos com a qualidade do ensino. A insatisfação com a educação cresce, sendo avaliada como ruim ou péssima. Nossos alunos estão indo para as escolas, mas não estão aprendendo. A evasão escolar é grande e decorre, em parte, pela falta de implementação de políticas para a juventude. Se fosse reduzida a evasão, diminuir-se-ia a vulnerabilidade desses jovens. As políticas sociais voltadas para eles diminuem a entrada no circuito da violência, criando alternativas a ela. Políticas assim têm se mostrado eficazes. Investir em educação e na redução da desigualdade, mesmo que a longo prazo, é considerado uma ação redutora de criminalidade.

A Folha de S.Paulo de 21 de abril aponta que o Brasil tem mais de quatro vezes a taxa de mortes por homicídio por cem mil habitantes do mundo, ratificando o primeiro parágrafo deste texto. Neste ano em que os brasileiros irão às urnas, faz-se necessária uma avaliação conjunta dos temas corrupção, violência e educação. Não se deve aceitar soluções simples para problemas tão complexos e interrelacionados.

Imagem - Memória



Alunos e padres salesianos na Fazenda São José, em Piquete.

O Colégio São Joaquim em Piquete

No final da tarde do dia 6 de maio de 1903, um grupo de salesianos do Colégio São Joaquim, de Lorena, cruzou, apressado, a Vila do Piquete, em direção à Fazenda São José, onde se instalaram por mais de um mês.

Os moradores do Piquete se surpreenderam com aquela excursão insólita. Apresados e de maneira ordeira caminhavam perfilados. Apesar do cansaço, aparentavam tranquilidade, mas traziam no semblante apreensão e medo. O motivo da inesperada visita foi a febre amarela que vinha assustando os salesianos. E eles tinham motivo para isso!

Desde os primeiros dias daquele ano, a febre amarela preocupava os padres do São Joaquim. A doença grassava no Rio de Janeiro e chegara ao colégio salesiano Santa Rosa, em Niterói. No dia 8 de fevereiro, ocorreu o primeiro óbito naquele colégio e novos casos da doença foram sendo diagnosticados. Com o agravamento da situação, o padre Carlos Peretto, Inspetor Salesiano, que residia no Colégio São Joaquim, reuniu, na noite do dia 15, os salesianos de Lorena e fez apelo para que esses socorressem o Colégio Santa Rosa. Naquela mesma noite, o padre José Fausone, diretor da casa lorenense, seguiu para Niterói, assumindo a direção do Santa Rosa. Já no dia seguinte, começaram a chegar a Lorena alguns doentes de Niterói, que foram alojados na Escola Agrícola anexa ao São Joaquim, transformada em enfermaria a serviço do colégio fluminense. O padre Fausone, por infelicidade, contraiu a doença e se viu obrigado a se retirar da luta, isolando-se em Guaratinguetá, onde veio a falecer. Sua morte foi um abalo para o colégio São

Joaquim, que perdeu seu estimado diretor. No dia 2 de março, na Escola Agrícola, faleceram mais dois salesianos de Niterói. A impressão causada por esses óbitos foi terrível, dentro e fora do Colégio. Passados alguns dias, o padre Francisco Pausino foi eleito diretor do colégio de Lorena e a vida retornou, aos poucos, à normalidade. Infelizmente, porém, o padre Pausino também foi acometido pela febre amarela e faleceu no Colégio, na tarde do dia 5 de maio. Esse novo abalo levou a uma interrupção forçada na vida da escola e a uma fuga precipitada. No dia seguinte, logo pela manhã, após rápida reunião, os religiosos optaram por se refugiar na Fazenda do Campinho, o que foi feito de imediato. Lá chegando, constataram que era só ruínas, o que os levou a um impasse solucionado pelo padre André Colli, o qual sugeriu a fazenda São José, no Piquete, que ficava perto da Vila, o que facilitaria o abastecimento. Ele mesmo se deslocou até Cachoeira, para conversar com o proprietário, Dr. Francisco de Assis de Oliveira Braga, enquanto os demais marchavam mais duas léguas até a Vila do Piquete. O grupo era formado por seis salesianos, cerca de vinte alunos e alguns empregados encarregados da cozinha. Levavam matulas e os trens de cozinhas e de mesa mais indispensáveis. Trouxeram junto a banda do colégio, um pouco reduzida no número, mas não na qualidade. Chegaram à noitinha à Fazenda São José e se instalaram. Ela ficava num local agradável, próximo à Mantiqueira, com paisagem bucólica, junto a um riacho de águas cristalinas. Não guardava mais a beleza do século 19, quando pertenceu ao

Barão de Santa Eulália, mas mantinha a imponência e o aconchego necessário para abrigá-los. Na noite daquele primeiro dia, o padre Lorandi reuniu todos e falou: “Estamos aqui: Deus preparou-nos este bom lugar. Mas isto aqui agora é o Colégio São Joaquim, que para cá se transferiu, e continua a sua vida. Somos uma ‘coluna’; não uma coluna de excursionistas, mas a ‘Coluna São Joaquim’”. A vida e a continuidade do nosso Colégio atualmente estão entregues a nós. É esta a nossa responsabilidade e será a nossa tarefa. Um dia regressaremos a Lorena e o nosso Colégio continuará suas atividades mais forte e mais glorioso.” Nos próximos dias, a vida na fazenda decorreu calma, sem incidentes: estudavam, vez ou outra iam até à Vila fazer compras e excursionavam até o alto da Serra. Na igreja do Piquete, naquele mês de Maria, estava celebrando o popular padre Serafim Boschetti. Todas as noites a igreja ficava lotada para ouvir seus sermões e os alunos, por vezes, compareciam.

Depois de um tempo, com o fantasma da febre amarela desaparecido, retornaram para Lorena, para o prédio do Colégio, bem vivos e bem dispostos para surpresa dos lorenenses. O Colégio São Joaquim não havia morrido, apenas teve férias forçadas, uma interessante excursão a Piquete e à Mantiqueira e mais nada.

Os seis padres que estiveram à frente desse difícil momento do São Joaquim foram: João B. Lorandi, Caetano Falcão, André Colli, Leão Muzzarelli, José Alencar e Luiz Marcigaglia, que deixou essa e outras narrações em seu livro “Os Salesianos no Brasil - 1883 / 1903”.

GENTE DA CIDADE

Alenilda

Recém-aposentada, Alenilda Almeida Mendes, que já vinha dedicando parte de seu tempo livre a embelezar a cidade e a colaborar com a Igreja católica, diz que agora terá mais tempo para desenvolver projetos ligados à fé e às tradições católicas em Piquete.

Alenilda, nascida a 8 de dezembro de 1964, é filha de José Monteiro Mendes e Eucina Almeida Mendes. Tem quatro irmãos e seis sobrinhos, que considera como filhos. A infância foi como a de muitos de sua geração: estudou no Grupo Escolar Antônio João e na E.E. Leonor Guimarães, e ficava com amigos na rua até mais tarde, “já que àquela época havia segurança para isso...”. Ao relembrar a adolescência, cita que, com cerca de 13 anos já participava dos grupos de jovens da igreja... “Eu gostava de cantar... Nossos grupos participavam de muitos festivais e, inclusive, vencemos alguns...”, conta. Afirma, ainda, que chegou a compor músicas: “Tenho parte da autoria, junto com o Nelsinho Correa, na canção ‘Compromisso’, até hoje muito cantada na Canção Nova”.

Alenilda foi Ministra da Eucaristia. “Fui sagrada aos dezenove anos; fui a mais jovem mulher a assumir essa responsabilidade. Como Ministra, tive a oportunidade de conhecer muitas pessoas de nossa cidade. É uma posição muito significativa. Só quem já levou a comunhão a outras pessoas sabe como é gratificante. Em oito anos como Ministra, contabilizo vários momentos que trago como lições para minha vida até hoje”.

Espírito independente, começou a trabalhar cedo, no antigo Banco Real, em Lorena. Em seguida, ingressou no Colégio Estadual Leonor Guimarães, como escriturária. Em 1984, instalava-se o Fórum em Piquete e, logo em 1985, Alenilda ingressou como Escrivã Judicial. Cerca de ano e meio depois, já seria promovida à Supervisora de Serviço. Fala com muita serenidade sobre suas mais de três décadas de trabalho no Judiciário piquetense. “Tenho certeza de que minha formação cristã me ajudou a desenvolver meu trabalho com mais eficiência. Sempre me preocupei com os prazos, pois via nos processos uma pessoa que contava com a celeridade da Justiça. Não lidávamos com papéis apenas; de nós dependiam vidas”, afirma. Cita o caso de uma senhora que voltou ao Fórum para lhe agradecer o apoio. Repete as palavras da senhora: “eu estava decidida a me jogar no Paraíba e a atenção que a senhora me dispensou me fez mudar de ideia. A senhora, dona Alenilda, salvou minha vida”. A voz embargada e os olhos mais brilhantes denunciaram a emoção ao



relatar esse fato.

Em 1985, Alenilda cursava Letras. Cursou, ainda, Direito, na UNISAL, em Lorena, e pós-graduação em Direito Processual, na UNITAU. “Quando ingressei, meu cargo não exigia nível superior; hoje, sim. Não parei, no entanto, de estudar, pois isso me permitiu promoções e me garantiu base para sempre dar sugestões para a melhoria dos sistemas do Judiciário”.

Ainda no trabalho, Alenilda, há alguns anos, passou a cuidar da Praça Augusto Jansen, em que está instalado o Fórum. Apaixonada pela natureza, providenciou várias vezes o corte da grama, encheu as jardineiras com flores coloridas, plantou árvores e era constantemente vista aguardando a grama da praça. Desde março deste ano, quando se aposentou, sua irmã Kátia e a amiga Rita Rosa e assumiram seu “cargo” no cuidado da praça, mas ela faz questão de aparecer para ajudar.

A fé e a verve caridosa fizeram com que, junto com amigos, idelaizasse a Rota São Miguel, grupo que tem por objetivo acolher os romeiros que passam por Piquete a caminho de Aparecida. “Dar conforto proporcionando local adequado para descanso, água e frutas é o mínimo que a cidade pode fazer. Optamos por puxar pra nós essa responsabilidade e paralelamente divulgar a devoção a São Miguel, nosso padroeiro”. Essas ações vêm acontecendo desde o ano passado e Alenilda agradece muito ao pároco, padre Fernando Sampaio, o incentivo e o apoio que ele vem proporcionando.

Impressionam a fé e a determinação de Alenilda. Despachada, angaria doações e tem se empenhado na procura de colaboradores para suas propostas, que incluem o bem-estar dos piquetenses e, especialmente, a propagação da fé em seu protetor, São Miguel. Piquetenses, católicos ou não, só têm a ganhar com cidadãos assim: dedicados a boas causas e desinteressados de autopromoção.

Seja coach de seu filho

Laura Chaves

Na manhã de sábado, 14 de abril, tive a feliz oportunidade de assistir à palestra da coach Fabiola Sarquette sobre tema que emprestei para título deste artigo. Fantástico! Os pais que participaram disseram, após a palestra, se sentir empoderados para, como um coach, contribuir efetivamente para a autonomia e o desenvolvimento positivo de seus filhos. Escolhi, por isso, compartilhar com os pais que acompanham O Estafeta.

O coach é um profissional que facilita o processo (coaching) de desenvolvimento do coachee (indivíduo que passa pelo processo). Nesse sentido, a palestrante forneceu dicas aos pais para que possam oportunizar às crianças e adolescentes experiências e reflexões que permitam a eles construir uma autoimagem e a autoestima, ou seja, uma identidade positiva, o que passa por uma melhoria na comunicação e nas relações.

Primeira e fundamental dica: o que ganha atenção ganha poder. Ao conversar com o seu filho, olhos nos olhos e foco nas suas falas, reações e atitudes. Afaste tudo que pode fazer você se distrair: celular, TV, música e até outras pessoas.

O pai e a mãe coach são aqueles que, ao invés de dar respostas ou tomar as dores dos filhos, fazem perguntas: O que você fez? Por que fez? O que aconteceu? Por que aconteceu? Como você gostaria que tivesse acontecido? Como você se sente? Ah... Quando o filho falar dos sentimentos, não os repreenda, acolha-o e ajude-o a trabalhar esses sentimentos, especialmente os que fazem mal, como ódio, raiva, medo...

Diante de uma situação conflituosa, como uma briguinha na escola, ajude seu filho a pensar em, no mínimo, três estratégias para resolver o problema e o estimule a decidir por uma delas. Depois, incentive-o a colocá-la em prática. Não tente você resolver o problema que é dele. Aliás, muitas outras coisas são questões pessoais e não devemos assumir por ele: tarefas de casa, estudo, arrumação da cama...

Usar da comunicação não violenta foi outra dica interessante. Toda vez que precisar exigir uma ação de seu filho, olhe-o no olho, de forma segura e serena. Comece falando o fato, depois seu sentimento, a necessidade e, por fim, o pedido. Por exemplo: filho, brinquedos não podem ficar espalhados pela sala. Eu fico contrariada com isso. Precisamos de uma sala mais organizada. Você pode, por favor, organizar seus brinquedos?

Aproveitando... mais uma dica: estabeleça tempo para a realização das atividades. Pode-se usar um cronômetro ou até uma ampulheta. O desafio do tempo costuma ser desafiador.

Enfim, aprendemos com a Fabiola que o pai coach e a mãe coach não dão respostas, não vitimizam seus filhos e nem os subestimam. Ao contrário, trabalham com seus filhos para que se tornem autônomos e muito mais felizes. Trabalham o autoconhecimento, tão importante para uma vida plena.



Alenilda e amigos da Rota São Miguel

Carta da Terra: vamos refletir sobre ela?



Para mantermos o equilíbrio do planeta é preciso nos conscientizarmos de que não se pode acabar com os recursos naturais, essenciais para a vida humana, pois não haverá como repô-los.

Devemos somar forças para gerar uma sociedade global sustentável, baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura de paz.

Desde a Rio 92 foi pensada a elaboração de um texto chamado “Carta da Terra” a ser discutida mundialmente por organizações não governamentais. Essa Carta foi ratificada somente em 2000. Um de seus trechos diz: “A escolha é nossa: formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros,

ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida. São necessárias mudanças fundamentais dos nossos valores, instituições e modos de vida. Devemos entender que, quando as necessidades básicas forem atingidas, o desenvolvimento humano será primariamente voltado a ser mais, não a ter mais. Temos o conhecimento e a tecnologia necessários para abastecer a todos e reduzir nossos impactos ao meio ambiente. O surgimento de uma sociedade civil global está criando novas oportunidades para construir um mundo democrático e humano.

Nossos desafios ambientais, econômicos, políticos, sociais e espirituais estão interligados, e juntos podemos forjar soluções incluídas”. Vamos refletir sobre ela?

Ouvidos desatentos? Olhos nos exemplos!

Não me lembro bem de todos os ensinamentos que meus pais me deram quando criança. Entendo que eles moldaram meu coração e minha mente e criaram marcas. As vezes cicatrizes mesmo. Trago no subconsciente o que disseram, mas especialmente tudo o que fizeram. Uma coisa de que me lembro é a exigência do exemplo. Diziam que não é o que você fala, mas o que você faz, que mostra sua moral, sua honestidade, sua firmeza de caráter e que educa o próximo.

Em todo lugar a que vamos nos deparamos com pessoas que exigem coisas que não fazem e dão ordens que não seguem. Uma quantidade grande de pessoas tenta se mostrar digna, defensora dos direitos, do social e representante de uma ou de outra classe sofredora. Mas não dão exemplo. Sepulcros caiados, como diz a Bíblia. Hipócritas! Brancos e limpinhos por fora. Mas podres por dentro.

Na última eleição municipal fui procurado por uma pessoa para que eu me candidasse a vereador pela coligação que estavam formando. Como disse antes, neste informativo, não tenho pretensão de sê-lo e provavelmente jamais serei. Disse isso ao “agente” que me procurou. Ele insistia sem parar dizendo que seria bom para a população que a coligação que montavam estava preocupada com o povo, com o orçamento etc. Então disse a ele que, sendo essa a preocupação da tal coligação, eu me candidaria caso todos os demais candidatos da coligação – que, segundo ele, tinham fortes chances de ser eleitos – assinassem um manifesto público de fazer uma lei, já no primeiro dia de mandato, que extinguisse

o salário do vereador, deixando apenas uma ajuda de custo para transporte (táxi) e um lanche nos dias de sessão. Ele me disse que ia consultar os demais. Como eu esperava, nunca mais voltou. Conto este fato porque considero que, em cidades pequenas, como é o caso de Piquete, cujo orçamento anual não passa de poucos milhões, qualquer centavo em favor do povo é relevante. Seria um belo exemplo a ser dado pelos nossos vereadores, não? Tornaria mais crível para todos que eles lá estão realmente em favor de melhorias para a população e não para terem um “emprego”. Isso não quer dizer que muitos não queiram realmente o bem do povo. Em viagem aos EUA, a trabalho, fiz um passeio pelas montanhas do Colorado num fim de semana. Passei por uma pequena cidade chamada Nederland, de pouco mais de mil e quinhentos habitantes. Havia um movimento de pessoas se encaminhando a uma espécie de galpão. Perguntei a uma senhora, em uma espécie de museu onde eu estava, o que acontecia. Ela me disse que o conselho municipal (Town Council), uma espécie de Câmara de Vereadores, estava se reunindo para discutir questões da cidade e a população estava indo participar – num fim de semana! Esse conselho era de voluntários, que recebem apenas uma pequena verba quando precisam fazer seus trabalhos. Não existia salário. Apenas o necessário para se locomoverem e se alimentarem. Nada mais. Nas cidades pequenas americanas, apesar de variar de estado para estado – lá valem as leis estaduais – essa é, em geral, a regra. Dessa forma, eles mesmo demonstram que estão ali para fazer o melhor. Quando olhamos para as bandas tupiniquins, tudo muda. Juízes que

já têm salário muito distante da média da grande massa trabalhadora, até mesmo ironicamente estourando o teto constitucional, brigam por auxílio moradia, auxílio paletó, auxílio educação para os filhos e por aí vai. Até mesmo um certo juiz, que se diz bastião da moralidade e é aclamado por parte da população, não só recebe o auxílio como possui imóvel na cidade onde trabalha, o que por si só deveria impedi-lo de receber. Deputados federais, estaduais e senadores recebem verbas de gabinete que sustentariam diversas famílias, auxílios diversos, passagem, paletó e têm benefícios de todo tipo – até cabeleireiros. Ainda assim, recebem polpudos salários de fazer inveja mesmo fora do país. Um certo deputado, também aclamado por parte do povo como a “salvação do Brasil”, recebe seu quinhão exorbitante e mantém assessores parlamentares que jamais pisaram na Câmara federal ou fizeram qualquer papel de assessor. Isso tudo porque, ironicamente parafraseando certa ministra, “a literatura jurídica o permite”.

Onde está o exemplo? Onde está a moral naquilo que decidem ou inventam? Como podem representar os bons costumes ou a família brasileira, como gostam de alardear nos microfones das TVs que usam para se auto promover? Sinceramente, não sei como alguém ainda acredita nessa sociedade de castas que eles criam ou creem nas palavras desse grupo de juízes e políticos que podem ser classificados como “bando”. A fé sem obras é vã! Antes de convencer com palavras que agradam aos ouvidos desatentos, deveriam arrastar a todos com exemplo e ações.

Luiz Flávio Rodrigues

Companheirismo, fé e tradição

Rota São Miguel

Vem-se reunindo em Piquete um grupo que se denominou Rota São Miguel e visa a estimular o bom acolhimento a romeiros que passam por nossa cidade a caminho de Aparecida. De acordo com a página do Grupo numa rede social, os membros são pessoas de diferentes profissões, histórias, experiências e fé, “assim como os são os romeiros que chegam até nossa cidade”. Em comum, não restam dúvidas, os componentes têm o amor por Piquete.

Recentemente, na Segunda-feira Santa, a Rota São Miguel acolheu a tradicional Romaria do Zuca, que, há cerca de quarenta anos, sai de Varginha/MG em direção ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida.

Foram cerca de 520 Romeiros. Todos que colaboraram no acolhimento relatam momentos de muita emoção junto a romeiros como João Batista Arcangelo, 81 anos de idade e 46 anos de romarias.

O grupo disponibilizou tendas para descanso, água e frutas. Houve, também, uma

missa de acolhimento. A ação foi realizada em conjunto com a Paróquia São Miguel e a equipe “Pró-Reforma e Jubileu de Ouro”, grupo formado pelo pároco para colaborar na reforma da igreja Matriz e na organização do seu Jubileu de Ouro, a ser comemorado em 2020. Também houve colaboração da Prefeitura Municipal, que disponibilizou funcionários do Posto de Saúde localizado próximo à igreja Matriz para a realização de curativos e aferição de pressão arterial.

O retorno obtido pelo grupo foi surpreendente: inúmeras mensagens de agradecimento, elogios à atenção disponibilizada aos romeiros e depoimentos emocionados.

Emplacamento de Trilha

Visando a garantir a segurança dos romeiros, o grupo da Rota São Miguel idealizou a colocação de placas de direcionamento que identificam o caminho a ser seguido pelos romeiros, especialmente no trecho de mata percorrido por eles dentro do município. Foram colocadas cerca de dez placas que sinalizam em torno de 10km. De acordo

com o projeto, falta identificar os postes ao longo do trecho urbano do percurso feito pelos romeiros. Essa ação depende de autorização já solicitada à concessionária de eletricidade que atende o município. A Rota tem como meta, ainda, instalar uma imagem de São Miguel na trilha, o que ressaltaria sua identificação com o padroeiro.

Paróquia São Miguel retoma tradição

Na Sexta-feira Santa, a Paróquia São Miguel retomou uma tradição piquetense: a procissão até o Santo Cruzeiro. O pároco, padre Fernando, reuniu os fiéis na Praça da Matriz de São Miguel antes do amanhecer e, de lá, em procissão, seguiram até o tradicional ponto de peregrinação dos piquetenses. Mais de trezentas pessoas subiram o íngreme morro que leva até à imensa cruz de alvenaria lá instalada desde o início da década de 1950.

A comunidade católica piquetense sempre cultivou suas tradições e resgatar as que foram abandonadas é um gesto de respeito para com todos.



Fotos Rota São Miguel e Paróquia São Miguel Arcanjo

Crônicas Pitorescas

Pequena, mas ordinária...

Palmyro Masiero

Olha, pessoal, cansei-me de ser passado pra trás... Por inocência, bobeira, motivos econômicos, intuito de levar vantagem; em suma, faço parte de uma maioria da humanidade que está na mesma que eu. Esta, a humanidade, foi separada em dois lotes bem característicos: um, do tipo que falei e do qual faço parte, o dos trouxas, e o outro, bem menor, mas bem mais vitorioso, o dos sabidos. E tudo que provocou isso, creio eu, adveio de uma simples palavrinha de seis letras: grátis.

Cansado, como já frisei, de viver me lascando principalmente por causa dela, comecei a pesquisá-la. Como teria surgido esta palavra que separou a raça humana em dois tipos diferentes de pessoas! Etimologizando a dissílaba aludida, verifica-se de cara que é estrangeira (o que nessa terra não é novidade!). Teria existido algum teólogo, filósofo ou mesmo uma raça, de altíssimos índices caritativos, que a tenha criado? Dela advir do latim não explica coisíssima nenhuma. O que realmente é verdade é que, no momento em que foi criada com aquela significação que consta dos léxicos, ela provocou a divisão dos homens.

Já que não chegaremos ao interventor da mascarada palavrinha, vamos retroagir profundamente no tempo em busca de alguma luz. Não podemos jogar a culpa no coitado do Adão, que, afinal de contas, apenas deu nomes convenientes aos animais domésticos e selváticos, aves, mas sem qualquer justificativa para criar este advérbio, pois vivia sozinho, numa boa... Mas dentro da história da gênese humana pode estar não a invenção da palavra que queremos, mas o significado, o que quer dizer que primeiro nasceu o significado para depois vir o seu batismo. Quem foi que provocou esta tremenda barafunda neste mundão de Deus? Não foi ela a danada daquela serpente astuta que jogou para escanteio o Adão e a Eva

do Paraíso? Não foi a bandida que tentou a inocente Eva, oferecendo-lhe grátis o fruto que, digerido, iria transformá-la em Deus? Observe o início de tudo! Enganou-a oferecendo-lhe graciosamente um reinado de cuja mentira até hoje estamos amassando o pão que o diabo amassou.

E da ação surgiu o advérbio que gerou o clã das serpentes e dos ingênuos.

A verdade é que o grátis carrega sempre consigo uma segunda intenção. E dos dois lados. Poderíamos até jogar esta colocação em forma de epigrama:

Quem é sabido é serpente.

Quem é bobo, inocente.

Aquele é tido um finório,

Este, lobo, é um simplório.

Na classe das serpentes existem os espartos, astutos, velhacos, matreiros, além dos safados, desavergonhados, corruptos, procazes, ladrões... Na outra, aqueles que, disfarçadamente, pensam em vantagens, primazias, lucros, interesses na moleza; também os inocentes, simples, ingênuos e, finalmente, os idiotas, estúpidos e imbecis. As duas aceitam o vocábulo. A segunda, dos trouxas, fingem alguns e acreditam outros na honestidade dela e entram bem; a primeira, dos sabidos, usufruem dela e entram bem... no bolso dos primeiros.

E como foi mascarada, adereçada, modificada, transformada e com as mais inusitadas e incontáveis significações que, ao final de tudo, vai dar no mesmo! As serpentes engolindo os bobos.

Pode ser que a palavrinha grátis tenha sido criada com a melhor das boas intenções, mas hoje virou malandra, cretina, ilusória, demagoga, enganadora... No duro mesmo, virou sem-vergonha. Até eu agora ponho dúvidas se esta crônica, que pretendia fazer graça, foi realmente de graça... Em tempo, graças pela atenção dispensada!

Quero comigo os bons combatentes

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Busco sempre aprender pelo olhar... Tento, assim, ratificar minha certeza de que “menos é mais”. Olho com esperança, com temor, com espanto. Volto os olhos para baixo, dirijo-me pelo vento e olho para frente, para os lados, para trás... Sempre buscando me interessar por tudo – tudo o que me impressiona e me faz refletir sobre a vida, que evidencio na perfeição estética e arquitetônica da natureza.

Maria Bethânia, uma de minhas referências, já disse que “ler, ouvir, dizer poesia hoje, nesse tempo de tanto desapego, tanta correria, é uma tarefa difícil. E como provocar o mundo, ofender o mundo; vivemos como se nãooubessem mais o silêncio, as delicadezas. Mas ainda cabem e isso me comove”.

Também a mim me comovem e muito me atraem as poesias... E, como tal, a natureza e a simplicidade.

Num tempo tão atribulado como o que vivemos, não é fácil parar a fim de se contemplar o belo. Num tempo de extremos, ao deixar de lado o noticiário político para visitar um museu, por exemplo, pode ser que faça com que sejamos taxados de alienados, de elitistas, de vendidos.

O que tem que se deixar claro é que, há tempo para tudo. Cabem ainda, sim, o silêncio, as delicadezas e o respeito à opinião alheia e, por consequente, ao próximo. Cabem, também, o altruísmo, a compaixão, a caridade no sentido máximo da palavra.

Uma sociedade bipolarizada não precisa, necessariamente, ser tempo de oposição cega, de desrespeito, de insultos. Quando se busca um consenso, tese e antítese precisam ser debatidas com argumentos, não com pedradas entre os adeptos de cada lado.

Vivo um momento ímpar. Venho contemplando mais a natureza, o simples... Uso esses momentos para formar a base de meus pensamentos, de modo que possa defendê-los quando questionado. Quero a paz e, para isso, preparo-me para a guerra. Uma guerra de ideias em que o campo de batalha sejam os debates sérios, focados, que visem a um objetivo comum. Cansame debates com quem não me respeita, com pseudo-democratas que tentam se impor por meio de ofensas e questionamentos vazios – aqueles em resposta a perguntas para as quais não se tem respostas.

Aprendi e sigo aprendendo com o olhar. Fotografar a realidade é mágico: educa e faz crescer. Quero fotografias coloridas e em preto & branco para expor minhas ideias, meu olhar, meu pensamento. Ao meu lado quero os que respeitam minha postura, minhas crenças, minha obra – ainda que não compartilhem de todos os meus conceitos. Os demais, que busquem sua própria galeria!

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Professor Luiz de Castro Pinto, 22

Tels.: (12) 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.



22 de Abril: Dia da Terra

Recursos Hídricos é tema de Palestra da FCR

O tema dos recursos hídricos é dos mais atuais em função da importância para a qualidade de vida. Não há vida sem água, mas, em função de atitudes irresponsáveis, o que se observa é que o ritmo de desmatamento de florestas e o aumento da poluição dos corpos d'água estão colocando em risco a sobrevivência em muitos pontos do planeta.

Piquete, localizada em região com abundância em água, é uma cidade privilegiada. Nós, os piquetenses, ainda contamos com muita água disponibilizada em todo o município com regularidade e dentro dos parâmetros legais de potabilidade. Evidencia-se, porém, por toda a cidade, o desperdício d'água e a poluição do Ribeirão Benfica, que corta todo o trecho urbano.

Esses temas, além da necessidade de preservação de florestas e das matas ciliares, foram o foco de palestra apresentada por Laurentino Gonçalves Dias Jr., da Fundação Christiano Rosa, na Escola Estadual Prof. Darwin Félix, no dia 17 de abril.



Laurentino, que é Engenheiro Químico, compareceu recentemente ao Fórum Mundial da Água, em Brasília, como membro da FCR e do Comitê de Integração da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul. Para a apresentação no Darwin Félix, tomou emprestado o tema do Fórum: “*Compartilhando Água*” e discorreu sobre a importância de uma gestão competente e eficaz dos recursos hídricos.

Durante cerca de 1h15min os alunos receberam informações sobre o ciclo da água,

as bacia hidrográficas, o volume de consumo diário per capita de água indicado pela ONU, o quanto de água é necessário para a produção de alimentos, automóveis, gasolina, aço etc. Na sequência, foram discutidas as questões do esgotamento sanitário e sua relação com a saúde da população e o impacto do desmatamento sobre as calhas dos rios. Para trazer a realidade de Piquete, a palestra foi ilustrada com fotos dos corpos d'água do município, o que chama a atenção dos jovens para a contexto em que eles estão inseridos.

A mensagem do palestrante, ao final, foi a de que todos têm direito à água de qualidade e ao esgotamento sanitário adequado, mas que é dever de todos defender e preservar a água para esta e as futuras gerações. Para tanto, faz-se necessária a conscientização de todos, especialmente dos jovens, para a importância de atitudes ambientalmente corretas que permitam preservar, em Piquete, a qualidade e o volume de nossa água.

Questões que arranham a cidadania brasileira

– Promiscuidade entre os Três Poderes da República

Constitucionalmente, o Executivo, o Legislativo e o Judiciário são independentes. Qualquer desvio pode causar empecilhos para a governança.

– Protelação no julgamento dos processos, de modo que os prazos se esgotem e o crime prescreva. Neste caso, o crime deixa de existir, o criminoso se torna inocente.

É por isso que deve continuar existindo o foro por prerrogativa de função – para que os processos contra cidadãos privilegiados não fiquem engavetados nas instâncias inferiores.

– Orgia Partidária. O Partido Político é uma instituição digna de todo respeito. Todo cidadão deve filiar-se a um Partido – inclusive os do Judiciário – para conhecer e discutir as Questões Nacionais.

Só que no Brasil, os Partidos têm dono – quando alguém perde o posto, abandona o Partido e cria outro.

Neste caso, o ideológico e o programático se esgarçam nitidamente.

Geralmente, os países se contentam com um Partido de direita, um de esquerda, um de centro-direita, um de centro-esquerda e um de centro. Nada contra um Partido Temático que expresse uma grande preocupação nacional, como a Ocupação das Terras e a Ecologia.

Só que exorbitamos. É melhor preparar

um Simpósio com Filósofos, Sociólogos, Historiadores e Geógrafos e começar do zero.

– O Próprio Nacional – imóveis abandonados ou subutilizados.

Recentemente veio à luz o caso de uma Instituição de Pesquisa que subutilizava um imóvel – em boas condições – a ela destinado e pagava aluguel no metro quadrado (m²) mais caro da Cidade Maravilhosa, que detém o título de Metro Quadrado mais caro do país.

Se o imóvel não faz parte de um conjunto arquitetônico, pode ser implodido, vendido ou leilado. Se faz, deve ser restaurado e ter destinação adequada.

Há, também, o problema das obras inacabadas. Se houver algum impedimento para a sua conclusão, que se reúnam as autoridades estaduais e municipais para viabilizar a utilização, evitando o roubo de material e destruição do que já foi feito.

Quanto aos imóveis destinados à residência de servidores, que se cobre um preço justo pelo aluguel e que se evitem os “auxílios”, que oneram o Orçamento da República.

Salário – Se o trabalhador brasileiro não perder o emprego e trabalhar direitinho durante o mês de janeiro de 2019, no princípio de fevereiro vai receber R\$ 1002,00 – salário mínimo sem os descontos.

Se sobrepusermos este salário ao Or-

çamento que recebemos como modelo na aula de Economia Doméstica do Ginásio, não vai sobrar dinheiro para comprar um vidro de xarope, uma cartela de analgésico ou um par de chinelos de borracha.

Nada tenho contra os ricos. Meu professor de Administração Escolar afirmava que é da excentricidade do rico que vive o pobre.

Então, que haja muitos ricos e cada vez mais excêntricos! Assim não faltarão empregos para os pobres.

O problema é a disparidade dos salários até dentro do Serviço Público.

Afirma-se que o salário deve traduzir o que se gasta na formação do profissional e a necessidade que a sociedade tem dele em determinado momento.

Então, por que o salário de profissionais, méritos e de alto retorno como médicos e o dos professores são tão minguaados no Serviço Público?

Vêm aí as eleições.

O cidadão brasileiro quer comícios diferentes – sem carreatas, sem buzinação, faixas, vaías ou aplausos.

O cidadão quer que a elite intelectual do país tome posição e ponha o dedo nas feridas.

O cidadão quer saber por que um país tão grande e com tantas riquezas naturais oferece tão pouco à sua gente.

Abigayl Lea da Silva

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

O centenário do Jeca Tatu

Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivia na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia, e de vários filhinhos pálidos e tristes.

Jeca Tatu passava o dia de cócoras pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo para fazer coisa alguma. Ia ao mato caçar, tirar palmito, cortar cachos de brejauva, mas não tinha ideia de plantar um pé de couve atrás da casa. Perto, um ribeirão, onde ele pescava de vez em quando uns lambaris e um ou outro bagre. E assim ia vivendo...

Jeca Tatu é um personagem criado por Monteiro Lobato em sua obra *Urupês*, que conta quatorze histórias baseadas no trabalhador rural valeparaibano. Simboliza a situação do caipira brasileiro, abandonado pelos poderes públicos às doenças, ao atraso econômico, educacional e à indigência política.

“O Jeca Tatu não é assim, ele está assim”. A frase de Monteiro Lobato sobre um de seus mais populares personagens remete sua obra para além das histórias infantis e incomoda a elite intelectual da época, acostumada a uma visão romântica do homem do campo. Jeca Tatu, um caipira de barba rala e calcanhares rachados – porque não gostava de usar sapatos – era pobre, ignorante e avesso aos hábitos de higiene urbanos. Morava na região do Vale do Paraíba, então distinta



por seu atraso.

Jeca Tatu aparece pela primeira vez no artigo “Velha Praga”, publicado em 1914 no jornal *O Estado de S.Paulo*. Reaparece como protagonista em *Urupês*, lançado em 1918. O trabalho de Monteiro Lobato, voltado para várias questões sociais – dentre elas a saúde pública – repercute na política nacional e na campanha sanitarista de 1920, denunciando a precariedade da saúde das populações rurais.

Num primeiro momento, no artigo de

1914, Lobato pensa o caboclo como uma praga nacional: funesto parasita a terra (...) homem baldio, inadaptável à civilização (...), responsabilizando-o pelos problemas da agricultura.

A história do Jeca Tatu relaciona-se com a de Lobato. Em 1911, ele herda do avô a Fazenda Buquira, no Vale do Paraíba. Ao tornar-se fazendeiro desentende-se com empregados e cria uma figura desqualificada do caipira caboclo, tomando-o como o protótipo do caipira: preguiçoso demais para promover melhoria no seu *modus vivendi*.

Em 1912, os cientistas Belisário Pena e Arthur Neiva investigam a fauna e a flora de regiões brasileiras e a condição sanitária da população rural do Brasil. As informações publicadas em *Relatório Médico-científico* em 1916 pelo Instituto Oswaldo Cruz promovem campanhas em favor do saneamento e estimulam a criação da Liga Pró Saneamento do Brasil, em 1918. Monteiro Lobato aderiu à campanha com o personagem Jeca Tatu.

No bojo das campanhas sanitaristas, Monteiro Lobato modifica sua análise do problema: “Pobre Jeca. Como és bonito no romance e feio na realidade!”, transformando-o num símbolo de brasilidade. Não por acaso, em 1924, foi criado o personagem Jeca Tatuzinho, que ensinava, pelo rádio, noções de higiene e saneamento às crianças.